

COMPLEXIDADE, CÉREBRO E VIDA POLÍTICA.

DIGRESSÕES SPINOZISTAS

DIMITRI MARQUES ABRAMOV *

PAULO DE TARSO DE CASTRO PEIXOTO M. N. *

1.0 DA COMPLEXIDADE EM SPINOZA

Spinoza é o pensador da dinâmica da complexidade (BOVE, 2010b). A partir da perspectiva spinozista do Deus-Substância, poderemos compreender a questão da complexidade do real, de tudo o que existe, como a realidade única e identificável à natureza. Decorre desta perspectiva imanentista a correlação entre a noção de Deus-Natureza de Spinoza ao conceito de complexidade: Deus-Natureza sendo identificável a todas as coisas. Spinoza o define como Substância, ela mesma, constituída de uma infinidade de atributos. Deus, ou a Natureza, é composto de infinitos atributos e ele se produz, produzindo num só mesmo ato causal, por seus infinitos atributos, uma infinidade de coisas concebida como modos. Estes se expressam de uma infinidade de maneiras.

Por este prisma, temos uma perspectiva complexa mediante à ideia de Deus-Substância-Natureza, composta por uma infinidade de atributos que expressam os inúmeros modos de existência. Decorre desta perspectiva que as

modulações das essências da Substância Infinita são os modos, isto é, são as modificações ou maneiras de existir que são as determinações nos atributos da essência potencial da natureza. A necessidade desta natureza spinozana é a potência de um ato que não tem nem começo nem fim, que é um ato de auto-afirmação, de auto-constituição e que se constitui a partir da menor parcela da realidade. Bove (2010a) nos apresentará a parte pela qual Spinoza, pela carta quatro à Oldenburg vem dizer que se uma só gota de água pudesse ser aniquilada, toda a natureza é que seria aniquilada¹.

Spinoza nos propõe, a partir de sua visão complexa do mundo e da vida, que a natureza se produz numa infinidade de modos, segundo uma infinidade de maneiras, e se uma pequena parte da natureza se aniquilar será o conjunto da natureza que se aniquilará. Spinoza nos indica que o mundo é um plano de composições. Uma gota de água não se aniquila na natureza: ela se transforma noutras possibilidades, em outros modos de ser.

Nesta esfera, a realidade da Substância-Natureza é uma realidade imanente: é um conceito da complexidade. Compreendemos o conceito de modo como a determinação da

* Doutor em Ciências – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Laboratório de Neurobiologia e Neurofisiologia Clínica. Instituto Nacional Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, RJ.
** Coordenador da Universidade Livre – FUNEMAC – Macaé (RJ), Pós-doutorado em Filosofia – Universidade Federal do Rio de Janeiro e Université Paris-Est-Créteil – Paris XII.

1 “Ce qui se conclut réellement c’est que, si une seule partie de la matière était anéantie, tout aussitôt l’Étendue entière s’évanouirait, et cela je le professe expressément”. O que se conclui realmente é que se uma só parte da natureza fosse destruída, a extensão inteira da natureza seria destruída, e assim eu o digo expressamente (Spinoza, *Lettres*, 1966), (*nossa tradução*).

natureza, não existindo um modo qualquer simples. Qualquer modo é complexo e implica a complexidade do todo, complexificando este mesmo todo-natureza.

Bove (2010b) nos dirá que a partir de Platão há uma inquietude sobre a questão do diverso e da complexidade, do plural que, desde então, é preciso reduzir. A filosofia de Spinoza potencializa a ideia da multiplicidade, da complexidade do real.

Spinoza (2007) começará a parte 1 da *Ética*, pelas definições de causa de si – definição 1 -, coisa finita – definição 2 -, chegando pela definição 3 ao conceito de substância: “Por substância compreendo o que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado”. Pela def. 6, Spinoza afirmará: “Por Deus entendo o ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita”. As definições 2 e 6 da parte I da *Ética* darão o tom do projeto ontológico spinozista: não existirá nada para além da substância absolutamente infinita. Existir algo para além dela seria uma contradição, uma vez que nada poderá existir duplamente com a mesma propriedade e atributo como se segue pela proposição 6 da parte 1 da *Ética*: “Não podem existir, na natureza das coisas, duas ou mais substâncias de mesma natureza ou de mesmo atributo”.

O projeto spinozista da complexidade coincidirá a Substância absolutamente infinita com o conceito de Deus, consoante a proposição 14 da *Ética* 1: “Além de Deus, não pode existir nem ser concebida nenhuma substância”. Spinoza dará seu “salto no pensamento”, ultrapassando a noção de um Deus enquanto uma substância divina, antropomorfizada e separada das coisas,

fazendo coincidir Deus-Substância-Natureza pelo corolário 1 da proposição 14: “Disso se segue, muito claramente, em primeiro lugar, que Deus é único, isto é (pela def. 6), que não existe, na natureza das coisas, senão uma única substância, e que ela é absolutamente infinita [...]”.

Decorre daí que tudo o que existe, existirá em Deus-Substância-Natureza, como podemos ver pelo Corolário 2 da proposição 14: “Segue-se, em segundo lugar, que a coisa extensa e a coisa pensante ou são atributos de Deus ou (pelo axioma 1) são afecções dos atributos de Deus”. E, ainda, pela propos. 15: “Tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus nada pode existir nem ser concebido”. Desta forma, Deus-Substância absolutamente infinita, isto é, a Natureza é causa imanente de todas as coisas! Proceda daí, que Deus como substância única se exprime em seus atributos – pensamento e extensão –, exprimindo modos singulares. Nesta instância, nos encontraremos com a definição 5, ao início da *Ética* 1, que versará a respeito do conceito de modo: “Por *modo*, entendo as afecções da substância, isto é, o que existe noutra coisa pela qual também é concebido”. Retomando a demonstração da propos. 15, encontraremos em Spinoza a concepção dos modos como afecções da substância absolutamente infinita:

Além de Deus, não pode existir nem ser concebida nenhuma substância (pela prop. 14), isto é, (pela def. 3), uma coisa que existe em si mesma e que por si mesma é concebida. Os modos, entretanto (pela def. 5), não podem existir na natureza divina e só por meio dela podem ser concebidos. Mas, além das substâncias e dos modos, não existe nada (pelo ax. 1). Logo, sem Deus, nada pode existir nem ser concebido.

Pelo corolário da propos. 25 teremos uma exposição do conceito de modo, este sendo expressão da substância absolutamente infinita: “As coisas particulares não são mais

que **afecções dos atributos de Deus**, ou seja, modos através dos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada” (*negrito nosso*). Assim, a existência pertence à natureza da substância, como se pode ver pela proposição 7.

Spinoza virá rui o projeto substancialista, dualista e criacionista, no qual se apoia Descartes, propondo a sua perspectiva imanentista de uma substância absolutamente infinita, ela mesma, não sofrendo nenhuma limitação. Proposição que redefine o conceito de Deus, complicando-o numa adequação imanentista e anti-anthropomorfizada: morte da ideia de um Deus que tem a imagem humana, ampliada e amplificada à sua máxima perfeição. Por sua vez, Spinoza arruinará a ilusão antropológica que define o homem por seu atributo pensamento. Ilusão de uma verdadeira teologia do “eu substancial”, tomado na aposta do seu engendramento fictício pelo atributo pensamento (VINCIGUERRA, 2009).

Spinoza nos indica o caminho para pensarmos, a partir da sua física dos corpos, sobre as questões ético-estético²-políticas. Spinoza é um pensador da complexidade (BOVE, 2010b). Spinoza nos apresenta, a partir de sua física, o que constitui a potência de agir de um corpo, sendo esta a sua capacidade de entrar em relação com os corpos exteriores de múltiplas maneiras, seja como causa dessa ação, seja sofrendo a ação desses corpos. O corpo é finito, é um modo da

substância-natureza. O corpo é infinito naquilo que há de possibilidades de ações, de desejos, o corpo é infinito na sua experiência finita.

O infinito ocorre no finito dos corpos: eles são simultâneos. O infinito é a composição complexa do esforço que cada corpo ao se conjugar com outros corpos finitos. Daí a complexidade composicional dos corpos, que é a manifestação do infinito em nós que somos finitos. Um corpo é um modo preciso e determinado de expressão da potência da natureza – os modos da natureza de seus afetos e desejos – que é absolutamente infinita. A complexidade de cada corpo expressa-se no seu esforço de insistir na existência, no seu esforço de perdurar, regenerando-se na relação com outros corpos, mantendo a sua complexidade. Aqui temos a grande relevância do papel da experiência na obra spinozista: somente em ato é que saberemos as nossas potências na relação com outros corpos.

Esta dinâmica de se compor com outros corpos será a lógica das trocas, uma ética complexa composicional dos corpos que afetam e são afetados de múltiplas maneiras, a um só tempo, modulando a sua existência e modulando a existência dos outros corpos. A dinâmica das composições com outros corpos nos levará à questão do processo permanente de regeneração e recomposição modal dos corpos, levando-nos à perspectiva da complexidade do cérebro e da vida política.

2.0 CORPOS, MODOS E REGENERÇÃO

Spinoza começará a parte 2 da Ética, apresentando a definição de corpo: “Por corpo entendo um modo que exprime, de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa”. Uma vez que todo corpo será um modo, ele

² Peixoto (2013) apresentará a tese de que a física dos corpos em Spinoza tem uma dimensão estética. Bove (2013) afirma que a questão de uma possível existência entre a teoria dos corpos em Spinoza e a experiência estética coloca o acento efetivamente sobre a corporeidade, essencialmente, deslocando a questão estética, tal como tradicionalmente ela é sempre colocada, ou seja, que o fato mesmo de que em Spinoza tem-se uma teoria da arte a partir da produtividade da potência corporal. A teoria da arte a partir da produtividade da potência corporal faz explodir a questão estética tal como ela é colocada desde o século XVIII.

próprio, expressão da essência da natureza absolutamente infinita, compreenderemos que todo corpo será uma afecção-efeito, exprimindo a potência do atributo extensão. Pelo curso das definições, Spinoza trará pela definição 3 a apresentação do que entende por uma ideia: “Por ideia entendo um conceito da mente, que a mente forma porque é uma coisa pensante.”

Nesta esfera, teremos a **expressão modal** dos atributos pensamento e extensão, cada um, manifestando sua potência de maneira singular: potência de pensar e potência de sentir e imaginar. Desta maneira, compreendemos que os atributos – pensamento e extensão – são expressivos. A experiência da expressividade dos atributos em Spinoza será enunciada por Deleuze (2010) como unívoca: os atributos expressam-se de maneira singular, mas numa mesma voz, num mesmo sentido. Proposição da univocidade do ser que vem combater o paralelismo psicofísico de Descartes.

Em resumo, teremos a **expressão dos modos** do atributo pensamento de uma dada existência, compreendendo que o ser formal das ideias é um modo do pensamento, isto é, a sua potência de pensar, assim como teremos o ser formal do atributo extensão: como um determinado modo de sentir, isto é, o seu poder de ser afetado. E será pelos postulados da parte 2 da Ética que Spinoza definirá o que é o corpo humano, provocando a inauguração de uma física dos corpos para pensarmos os processos de regeneração e recomposição modal:

I – Pelo postulado I, Spinoza nos apresenta a perspectiva complexa e diversa do corpo humano composto por muitos indivíduos de natureza diversa, sendo cada um também altamente composto. Nesta esfera, já temos o enunciado para que possamos vislumbrar uma física-

composicional e complexa na qual e pela qual os heteróclitos corpos se compõem ;

II – Pelo postulado II Spinoza nos dirá sobre a singularidade de cada parte que compõe o corpo, considerando cada parte corpórea como um indivíduo ;

III – Pelo postulado III Spinoza nos apresentará a perspectiva física de onde o poder de ser afetado de cada indivíduo constituinte do corpo e, conseqüentemente, o corpo como um todo é afetado pelos corpos exteriores de muitas maneiras ;

IV – Pelo postulado IV Spinoza nos dirá sobre o processo contínuo de regeneração do corpo que, para conservar-se, tem necessidade de outros corpos, apontando para uma estetização e modulação dos corpos como efeito dos seus encontros ;

V – Pelo postulado V vê-se a física dos corpos no jogo entre corpos e, com efeito, a memória que se forma a partir dos traços e vestígios deixados pelos corpos exteriores no corpo afetado ;

VI – Pelo postulado VI Spinoza nos dirá sobre a possibilidade do corpo humano poder mover os corpos exteriores de muitas maneiras.

Podemos ver, pelos postulados precedentes, que um indivíduo é constituído por inúmeros indivíduos que o compõem. O indivíduo, na sua relação complexa com o mundo tem necessidade, para conservar a sua existência, de outros corpos: processo contínuo de composição e decomposição das suas partes constituintes que se esforçam em perseverar na existência. O corpo, compreendido como composto de infinitos conjuntos de indivíduos, tece a existência singular, modulados pela relação extrínseca com os outros corpos. A partir desta afirmação, temos as indicações do tecido

composto, ele mesmo, como uma determinada existência modulada pela força de afecção de outros corpos que lhe é exterior. Decorre daí que um indivíduo - enquanto experiência modal existente - será compreendido como um modo finito da substância absolutamente infinita.

Nesta instância, o ser existente - compreendido como uma realidade finita da substância infinita - modulará a sua existência pelas composições e combinações a que é capaz na relação com outros corpos. Deste jogo complexo de composições entre corpos, Spinoza afirmará pelo Postulado IV da Ética 2, como expomos acima, que: “O corpo humano tem necessidade, para conservar-se, de muitos outros corpos, pelos quais ele é como que continuamente regenerado.”

Uma vez que um indivíduo é uma afecção modal finita da substância absolutamente infinita, este mesmo indivíduo se complexificará pelo jogo composicional com outros corpos finitos, exprimindo-se ideias sobre a presença dos corpos exteriores, eles mesmos, envolvendo a existência deste indivíduo. Desta maneira, Spinoza, pelo Escólio do Corolário 2 da Proposição 45 da Ética 4, nos dirá:

Assim, servir-se das coisas, e com elas deleitar-se o quanto possível (não, certamente, à exaustão, pois isso não é deleitar-se), é próprio do homem sábio. O que quero dizer é que é próprio do homem sábio, é recompor-se e reanimar-se moderadamente com bebidas e refeições agradáveis, assim como todos podem se servir, sem nenhum prejuízo alheio, dos perfumes, do atrativo das plantas verdejantes, das roupas, da música, dos jogos esportivos, do teatro, e coisas do gênero. Pois o corpo humano é composto de muitas partes, de natureza diferente, que precisam, continuamente, de novo e variado reforço, para que o corpo inteiro seja, uniformemente, capaz de tudo o que possa se seguir de sua natureza e, como consequência, para que a mente também seja, uniformemente, capaz de compreender, simultaneamente, muitas coisas. Esta norma de vida, assim, perfeitamente de acordo tanto com nossos princípios, quanto com a prática comum.

Por isso, este modo de vida, se é que existem outros, é o melhor e deve ser recomendado por todos os meios, não havendo necessidade de tratar disso mais clara e detalhadamente.

Segue-se daí que um indivíduo é uma realidade finita que se tece infinitamente pelas composições com outras realidades finitas. Composições complexas que produzem a modificação da unidade existencial individual. Desta forma, cada indivíduo, enquanto modo finito da substância infinita, é modulado em suas partes constituintes, pela força de afecção de um dado encontro com os corpos exteriores. Estas misturas entre-corpos – entre o corpo polifônico e singular do indivíduo e os corpos exteriores – expressam a essência singular e em ato de uma dada composição entre realidades finitas – indivíduo e outros corpos.

Compreende-se, a partir do que enunciamos acima, que um indivíduo é uma realidade finita que se **singulariza infinitamente** pela força das suas capacidades de composição com outros corpos. Spinoza nos dirá pela definição VII, ao início da Ética II:

Por coisas singulares compreendo aquelas coisas que são finitas e que têm uma existência determinada. E se vários indivíduos contribuem para uma única ação, de tal maneira que sejam todos, em conjunto, a causa de um único efeito, considero-os todos, sob este aspecto, como uma única coisa singular.

O indivíduo, enquanto um tecido composto pela complexidade de outros indivíduos, ele próprio se produz numa individuação coletiva na relação com os corpos exteriores. Spinoza nos apresenta um conjunto teórico problemático para a superação da hipótese substancialista ou essencialista da existência humana. Spinoza produz a paisagem de um plano de composições no qual o indivíduo é considerado como uma

coisa singular e finita, a um só tempo modo extensivo e modo pensante, modulado pela força de afecção dos seus encontros. Nesta esfera, um indivíduo se definirá por sua diferença imanente. Diferença interna modulatória das suas partes constituintes [pois um mesmo indivíduo é constituído por inúmeras partes diferentes] que se singularizam pelas misturas com os corpos exteriores, sendo modulado, recomposto, reconfigurado, para devir em outras possibilidades existenciais, devir outros graus de realidade, outros poderes e desejos.

3.0 DO INDÍDUO COMO COEXISTÊNCIA ÀS CONEXÕES CEREBRAIS

Um indivíduo será compreendido como coexistência, ou seja, se constituindo como um ser de coexistência. Daí o aspecto modal e complexo da existência: um indivíduo escreve a sua partitura existencial *com*. Ele coexiste com outros corpos para compor a sua própria existência. Daí a superação da lógica essencialista da natureza humana. Um corpo porta consigo as marcas/vestígios dos outros corpos nascidas dos encontros singulares e em ato com estes mesmos corpos. Decorre daí a perspectiva coextensiva dos corpos-indivíduos.

Esta é a condição prévia da existência singular. Um indivíduo, por definição, é um ser coextensivo. Ser coexistente, ser múltiplo, o indivíduo é, ele mesmo, multidão, enquanto experiência modal que singulariza suas partes componíveis, isto é, seus indivíduos-partes imanentes, na relação coextensiva com outros modos finitos da substância absolutamente infinita. Decorre daí que, por definição, o indivíduo é o fluxo composicional de relações, ele é relação! Se é relação, ele é uma política!

Uma vez considerado como coexistência, um indivíduo exprimirá no jogo das suas composições o seu grau de potência, exercendo-se na relação com outras potências. A potência como resposta de uma situação problemática na relação com outras potências, modulando sua realidade ao infinito. Desta forma, cada indivíduo, enquanto experiência modal finita da substância absolutamente infinita, é uma resposta a uma relação complexa, tecida pelas composições com outros modos finitos. No entanto, a complexidade modal dos indivíduos se expressa pelo permanente processo de regeneração das suas partes na relação com outros corpos. Assim chegamos à questão da complexidade do cérebro e das suas capacidades plásticas de modulação das suas partes constituintes através das experiências com outros corpos.

O cérebro é um corpo plural onde coexistem células, elas mesmas, constituídas de indivíduos-corpos plurais de moléculas. A sociedade é um corpo plural e polifônico de indivíduos. E o cérebro é um corpo plural, super-complexo, de bilhões de neurônios individuais, onde Caos e Ordem coexistem, manifestando a experiência conectiva das suas partes constituintes através de processos dissonantes e ressonantes que se estabelecem por emergência entre os bilhões de neurônios. Desta forma, o cérebro, a um só tempo, é constituído por bilhões de indivíduos que coexistem entre si. Este é um corpo plural, de indivíduos em coexistência, manifestando a integração, a interação, os conflitos e as conveniências a partir de sínopes imprevisíveis, de onde emerge sincronia e desordem. Este processo é não teleológico e não finalista : o cérebro aumenta a sua capacidade de existir a partir do grau de conexão que o corpo como um todo se permite afetar e a ser afetado por outros corpos.

O Caos, é uma propriedade da natureza que determina sua criatividade estabelecendo não linearidade às interações afetivas. Assim, trazemos o Caos como o protagonista da organização e composição processual de toda natureza. Vale assim, destacarmos o Caos como agente organizador da Natureza, notável em sua dinâmica, atuante em todos os seus níveis (átomo, molécula, corpo, cosmos) e nas dimensões social, psíquica e física (biofísica e bioquímica) que manifesta criatividade dentro das conexões emergentes dos processos de auto-organização, dada a sua não linearidade e a sua sensibilidade às mínimas perturbações (GLEICK, 1985; PRIGOGINE, 1996). Decorre daí o cenário teórico que legitima o paradigma universal para os processos caóticos de transformação modal com emergência de padrões complexos de ordem nas coletividades, das células do cérebro aos indivíduos da Cidade. D

Descreveremos brevemente as propriedades do sistema nervoso que substanciam por extrapolação a proposição de uma possível sociedade complexa. O sistema nervoso é composto por quase cem bilhões de neurônios. Cada neurônio é uma célula viva detentora de propriedades especiais: é adaptativo (altera sua forma e função conforme demandas do meio) e também é um integrador não linear de informação, capaz de produzir respostas funcionais diferentes em decorrência do seu estado, impresso em si pelas condições do meio ambiente (MOURÃO e ABRAMOV, 2010, KANDEL et al., 2000). Este estado e estas respostas são de natureza elétrica manifestando sua densa arborização fractal de prolongamentos radiais, dendritos e axônios. Esta população de células arboriformes habita o encéfalo, medula, gânglios espinhais e viscerais. É de sua natureza a geração de impulsos de energia elétrica. Existem inúmeras espécies de neurônios. O

comportamento elétrico de cada uma tem ritmo, intensidade e modos característicos. Contudo, cada neurônio se comporta como um indivíduo, sensível ao seu entorno, produzindo pulsos elétricos em ritmos, intensidades e modos individuais, conforme suas experiências particulares.

Sobre o cérebro comandar o corpo, surgira outrora a ideia de que o primeiro comanda o segundo. Mas, na verdade, não há comando ou hierarquia. São padrões dinâmicos que emergem e organizam os comportamentos e funções do sistema (KELSO, 1997). Porém, as multidões de corpos do cérebro e do restante do organismo se misturam na malha complexa de conexões. O cérebro é um indivíduo-coletividade na relação com outros indivíduos-coletividades do corpo, que interagem e se inter-modulam. E, no cérebro, não há homúnculo que o explique. O que há é a experiência política : correlações e experiências múltiplas de uma coletividade emergente. O cérebro em si é uma coletividade democrática que gera a si mesmo como parte da complexidade que é um indivíduo.

Os neurônios do sistema nervoso estabelecem até um milhão de conexões elétricas com milhares de outras células através de suas arborizações. Por essas, os neurônios transmitem uns aos outros seus estados (ritmos, intensidades e modos). Eles compõem entre si uma rede afetiva, onde os impulsos elétricos afetam seus estados funcionais mutuamente, em diversos níveis de organização e complexidade. Ora as coletividades de neurônios individuais se sincronizam, ora se dessincronizam, produzindo respectivamente ressonâncias e dissonâncias entre si, manifestando transitoriamente estados macroscópicos de ordem, ou não. Entende-se que estes estados de ordem, dinâmicos e

distribuídos por regiões segregadas do cérebro, se correlacionam aos estados cognitivos, às imagens mentais, ideias e comportamentos. Cada célula aparece em conveniência com as demais, porém sem perder sua singularidade funcional. Emerge daí uma polifonia unívoca. Esta é a experiência plástica do cérebro onde pode-se compreender a comunidade de indivíduos-neurônios que se comunicam, se afetam, para mais ou para menos, a partir da experiência em ato com a vida, com outros corpos, com as afecções dos vestígios dos outros corpos que cada indivíduo porta consigo. Por este caminho, compreendemos que cada neurônio é um indivíduo, um modo que se modaliza na e pela experiência com outros indivíduos-modos neuronais. A conexão entre os modos neuronais poderá constituir uma comunidade a partir da sua interatividade. Sévérac (2005) nos dirá que a comunidade entre os modos será o que dará a organização de suas relações, contribuindo para a possibilidade ética de suas atividades³. E esta atividade, esta ação entre os modos será compreendida como *interatividade*. A ação entre os modos produz uma comunidade de esforços, exprimindo suas potências na relação com os outros corpos. Uma vez que a complexidade de um modo neuronal persevera, diferentes padrões de ordem emergem em coexistência, com os mesmos neurônios produzindo harmonias existenciais em diversas coletividades simultaneamente. Ao mesmo tempo

que há a diversidade polifônica de expressões no coletivo, também há ressonância e sincronismo coletivo, que são os padrões transitórios de ordem. Aqui temos o cérebro exercendo, singularmente e em ato a sua complexidade. O cérebro é uma verdadeira polifonia, onde cada célula compartilha dinamicamente informação com outras células para que possam compor uma ressonância particular, transitória no tempo e no espaço, comparecendo como parte de um estado coletivo e expressivo. Assim, dentro da multidão de vozes dessincronizadas, emergem, dinamicamente, vozes circunstancialmente em ressonância, pela ativação diferenciada das conexões entre estas células. Grandes multidões formam inúmeras composições complexas. Grandes multidões modais neuronais são polifônicas, formando uma partitura de vozes em contrapontos, mas, guardando a singularidade dos seus indivíduos [os neurônios, eles mesmos].

O que precede se correlaciona com o que apresentamos pela primeira seção quando afirmamos, a partir da perspectiva da complexidade spinozista, que um indivíduo é uma realidade finita que se tece infinitamente pelas composições com outras realidades finitas. Decorre deste jogo de afetações entre os modos a emergência de composições complexas que produzem a modificação da unidade existencial de cada modo neuronal e, por conseguinte, a modificação, recomposição do cérebro em novas ordenações conectivas, a partir da capacidade de interações entre suas partes na relação com os corpos exteriores.

Da intensidade com que os neurônios se afetam mutuamente, correlações são estabelecidas quando há sincronismo entre eles. Na dependência do grau e tempo de sincronismo, as conexões entre essas células são tonificadas por plasticidade bioquímica

3 A partir de diálogos com o Pf. Pascal Sévérac (2015), este nos afirma que na língua francesa a palavra agir tem uma significação particular, diferentemente da palavra fazer (*faire*). Agir é uma ação interativa não teleológica, não finalista, isto é, é um agir que se faz a partir da comunidade de desejos, de interesses, vertidos à construção do comum. No entanto, o fazer é teleológico e finalista, considerado como o cumprimento de algo pre-definido, preestabelecido. Desta forma, os neurônios *agem como uma comunidade modal na direção de uma resposta em comum* a partir das afetações que sofrem na relação com os outros corpos.

ou mesmo estrutural (novas sinapses). Do contrário, a assincronia, as conexões respectivas se enfraquecem. Circuitos mais estáveis vão sendo estabelecidos a partir da experiência livre das células neuronais, e certos padrões emergentes de ordem podem se tornar mais prováveis e frequentes. São nossas memórias, as coisas que aprendemos e podemos evocar facilmente. Nesta experiência o cérebro funciona de forma complexa onde a ação entre os modos neuronais funcionam como uma comunidade ativa de comunicações, de afetações que os modulam através do processo contínuo de regeneração, como vimos pelo postulado IV da parte 2 da Ética.

No entanto, a hiperssincronia pode se estabelecer. A plasticidade direciona a uma trama de conexões de maior rigidez. E os estados macroscópicos de ordem [de tão prováveis] se tornam estáveis. O sistema perde complexidade, ruminando infinitamente o mesmo estado, a mesma imagem fragmentada, ou a mesma ideia ou modo de ser. Eis um processo de desvitalização. Por outro lado, da assincronia nenhuma dinâmica emergeria no macrocosmo. Contudo, há a hipersincronia fisiológica. Compreende-se que a hiperssincronia de uma massa muscular, constituída por milhares de indivíduos celulares, é o efeito de contração em uníssono ao comando de um único neurônio, formando uma unidade neuromuscular de disciplina e ordem absolutas. Ao invés de uma expressão polifônica, o arco reflexo expressa uma resposta monofônica pelo comando de um só neurônio, indiretamente estimulado quando percutimos um martelo no joelho e uma contração estereotípica se observa na coxa. Na peça muscular não vê-se a expressão polifônica dos indivíduos que compõem o cérebro, mas, sim, a expressão de uma massa que responde a uma única ordem.

4.0 COMPLEXIDADE E VIDA POLÍTICA

Spinoza é o filósofo-físico-artista das composições complexas. Filósofo da física das relações complexas entre os indivíduos que os movimenta para a experiência de uma vida política vitalizada, rica e que se inscreve e se escreve historicamente, pela experiência. Daí, vemos que a política spinozana vem expressar que o *político*, a experiência política, se dá em relação. Será na coexistência com a diferença, com a diversidade de gentes e de comunidades que o político se tece numa *antropolítica*. A política é filha da complexidade dos corpos, das paixões, das ideias, dos imaginários que se ligam. Será nas tensões e através de um certo espírito conflitual que veremos sempre, no instante singular e em ato do presente, as capacidades de combinação entre os indivíduos para vermos brotar o espírito da *Res publica*, da coisa pública. E, através deste jogo composicional das potências dos '*conatus individuais*' que se entrelaçam e se conectam em cada encontro, formando uma partitura de ideias, de desejos, de sonhos, de projetos, de afetos, que vemos as expressões do corpo multitudinal. Apesar das diferenças, dos inúmeros pontos de vista, algo em comum faz ligar o grande corpo coletivo.

A correlação que pretendemos entre a dinâmica complexa cerebral e a vida política é movida pela perspectiva spinozista da comunidade de afetos e ideias que se formam quando estes estão em ressonância, mantendo, efetivamente, a singularidade de cada indivíduo. Assim a multidão de desejos se formam através de algum afeto comum, de algum interesse comum. E Spinoza, pelo artigo 1 do Capítulo 6 do Tratado Político, nos dirá que os homens são guiados pelos afetos e não pela razão, considerando que será preciso algum afeto

comum para a composição da multidão como se fosse guiada por uma só mente.

Dado que os homens, como dissemos, se conduzem mais pelo afeto que pela razão, segue-se que não é por condução da razão, mas por algum afeto comum que uma multidão se põe naturalmente de acordo e quer ser conduzida como que por uma só mente.

Nesta linha de pensamento, Spinoza dirá pelo artigo 15 do Capítulo 2 do Tratado Político que “quantos mais forem os que assim se põem de acordo, mais direito têm todos juntos”. Esta ideia nos encaminha a pensar a questão da afetividade como condição peremptória para a duração e consistência do ‘*conatus coletivo multitudinal*’ enquanto um corpo político complexo. Uma comunidade carnal se forma a partir das conectividades afetivas que se esforçam em manter as ressonâncias entre si.

Pôr-se de acordo, numa perspectiva spinozista, não é concordar com tudo, mas, sobretudo, poder se permitir participar das tensões que caracterizam a dinâmica de composição do corpo coletivo, da comunidade formada pelos interesses comuns. Pôr-se de acordo será, apesar das divergências, dos conflitos, não deixar que o corpo coletivo se desagregue, buscando recompô-lo e agregá-lo para que não ocorra a sua destruição. Será pensar que os conflitos se dizem de alguma questão comum. Construir saídas em conjunto, através das capacidades de combinação das potências criativas da imaginação, das potências afetivas e ideativas, é o grande desafio. Assim, como a multidão neuronal é polifônica, é diversa e plural, a multidão constituída por indivíduos singulares vem expressar e movimentar de modo vital a vida política da cidade.

O corpo da multidão [quer seja dos modos humanos ou dos modos neuronais]

para durar na existência, precisará conservar proporções de movimento e repouso das suas partes constituintes para não se desagregar. Por este prisma, quando a potência da comunidade de indivíduos se dirige às combinações comuns, *aumentando a sua potência de agir*, ela se reforça e é estimulada a consistir como corpo político, como um só corpo, como um corpo que expressa as suas potências vitais em ato. Um só corpo já é a expressão da complexidade: ele é formado por inúmeros indivíduos, o corpo é multidão, o corpo é uma política, o cérebro é uma política. Temos aqui a dinâmica tensional de uma política modal dos corpos. Política modal das tensões que são imanentes ao próprio corpo, isto é, através das diferenças de cada parte que o constitui e, com efeito, dos conflitos que emergem entre o corpo e os corpos exteriores. Vemos, por este prisma, a multidão de corpos exteriores em conectividade com a multidão de partes que constituem o indivíduo e que, por seu turno, vem nos encaminhar ao plano político das trocas afetivas, ideativas e desejantes.

Apresentaremos o conceito de sujeito de contrários para complexificar a questão das tensões que se dão entre a multidão de partes que compõem o corpo humano e na relação com os outros corpos exteriores (BOVE, 2010a). As partes do corpo são tão distintas umas das outras, concorrendo na reunião das suas potências para dar a sua consistência e unidade. Bove nos diz que é a positividade do conflito no plano corpóreo existencial - através das comunicações das partes distintas do corpo que perseveram, que se comunicam, entrando em tensões - que produzirá o circuito das potências. Um circuito das potências engendrado pelas diferenças! Aqui vemos que a questão do sujeito dos contrários, isto é, da diferença imanente ao próprio sujeito, nos indica que ele mesmo já é uma multidão, ele é

uma política. O sujeito de contrários é a afirmação política imanente. Os contrários já existem no corpo, mas suas potências podem dialogar para não serem destrutivas, para não esclerosarem a consistência vital do corpo [a paisagem da multidão neuronal que é afetada pela relação com os corpos exteriores é reveladora]. Desta forma, afirma-se as suas diferenças que podem convergir as suas potências em nome do grande interesse comum: a conservação do corpo, a ampliação das suas potências de afetar e de ser afetado e, por sua vez, buscando se aproximar daquilo que convém e se distanciar daquilo que possa ser destrutivo. As diferenças corpóreas vêm ganhar a sua grande consistência e reunião pelo *esforço-conatus* que é a pura positividade da vida e que tece a composição e recomposição do sujeito de contrários. A paradoxalidade do existir já é afirmada na condição política tensional entre as partes constituintes do corpo que estão em relação.

Decorre daí que o corpo é paradoxal, a vida é paradoxal, somos, em nós, uma multidão de partes que entram em acordo, se contrapõem, se desacordam, se conflitam, se apaziguam, numa relação de movimento-reposo-velocidades e lentidões dependendo das condições que estas partes sejam colocadas em jogo! Este é o campo dos conflitos, onde a liberação daquilo que está indeterminado são moduladas e articuladas umas com as outras. Por sua vez, através do jogo tensional e composicional político entre as forças externas na relação com a multidão das partes constituintes dos indivíduos, teremos trocas que podem regenerar estas mesmas partes, como vimos pela primeira seção.

Vemos que a multidão de forças do mundo coexiste com a multidão de partes constituintes de um indivíduo. Quando estas multidões encontram ressonâncias - pontos comuns nascidos das suas contradições- o

processo de regeneração acontece, formando um corpo mais potente. Quando as divergências entre estas multidões se acentuam em demasia, a desagregação é inevitável.

A grande virtude estará dirigida às composições possíveis para fazer durar o corpo da comunidade de indivíduos – considerado também como o sujeito de contrários - naquilo que o fortalece, naquilo que possa nutri-lo, na reunião das suas potências vertidas à busca daquilo que é comum. Este esforço de tender à conservação do corpo político coletivo se diz do desejo fazer durar a fonte de alimento que regenera e fortifica cada um dos *'conatus individuais'* e que dão corpo ao *'conatus coletivo'* que faz reunir numa só potência a diversidade social. A vida política ganha a sua mais alta significação quando indivíduos singulares se reúnem para compor uma comunidade complexa de desejos, afetos e ideias. E esta reunião não é sempre harmoniosa.

Movidos pela inspiração spinozista vemos que o princípio de conflitualidade – das tensões entre as diferenças - e o princípio de resistência – de não se submeter a uma outra potência- andam juntas. Retomando o artigo 13 do capítulo 2 do Tratado Político de Spinoza, veremos que “se dois se põem de acordo e juntam suas forças, juntos podem mais”. Aqui temos a apresentação do processo de afirmação das tensões e do campo de conflitualidades e do direito de natureza. Seguindo o artigo acima este nos dirá que, a partir das uniões destes corpos-potências, eles juntos “consequentemente têm mais direito sobre a natureza do que cada um deles sozinho; e quantos mais assim estreitarem relações, mais direito terão todos juntos”.

Associados aos princípios de conflitualidade e de resistência teremos, por sua vez, o princípio de aliança que é correlativo da reunião

das potências em nome de uma *práxis communis*, isto é, de uma prática comum, de uma comunidade heteróclita comum, na qual e pela qual as partes de um corpo ou indivíduos diferentes se associam, agregando suas *potências-conatus* em nome de um interesse, por sua vez, comum. Assim um corpo – individual ou coletivo - só se faz ‘corpo’ através das tensões, das resistências e das alianças que serão capazes através do encontro com, pelo menos, um afeto comum como vimos pelo artigo 1 do capítulo 6 do Tratado Político.

Decorre daí que a o corpo polifônico [quer seja da comunidade cerebral, quer seja da comunidade de indivíduos numa cidade] precisará de um mínimo de afetos comuns para permanecer agregado. Este equilíbrio dinâmico e metaestável do corpo da multidão não para de se fazer e de se refazer, uma vez que ele é constituído dos ‘*conatus individuais*’ que, em muitas vezes, concorrem em direções opostas aos interesses comuns ou, ainda, não entrando em concordância, em conveniência, com os caminhos sentidos e pensados pelo corpo majoritário do corpo coletivo. Mas, o direito que nasce da potência coletiva, potência dos afetos e das ideias, nasce, ele mesmo, na direção daquilo que poderá fortalecer o seu corpo e não o seu contrário. A univocidade da multidão de desejos, de afetos e ideias faz o seu elogio à cidade, à vida política, em inúmeras vozes que compõem a própria partitura cidadina. *Union corporum, concatenatio idearum*: união de corpos e paixões, concatenação de ideias para dar a consistência aos desejos e interesses das comunidades, dos povos e nações. A univocidade da multidão aparece como o corpo singular, e em ato, na eternidade do presente, como a composição do múltiplo, dos ‘*conatus singulares*’ que compõem os diversos contrapontos da sinfonia público-política.

Uma vida política complexa, como a democracia, não admite um comando de representantes. Representantes, mesmo que instituídos pelo voto, controlam massas humanas como células neuronais controlam massas musculares, em sistemas de pouca complexidade, assim vê-se poucas potências de transformação de seus modos de ser.

Uma vida política complexa é uma gestão política modulada organicamente pelas tensões que emergem de coletivos na sociedade. No balanço criativo das transições de ordens emergentes, cada homem é um músico da *orquestra política sem maestro* [todos podem reger e serem regidos por todos], executando ora uma nota que lhe é desejo em ressonância tensional com seus pares, mas sem perder jamais o seu timbre único, ou seja, a sua singularidade. E é pela experiência de ampliar o seu poder de ser afetado pela polifonia das vozes, das melodias de desejos e pelas partituras de ideias em contrapontos que a vida política se tece de maneira potente e complexa. Uma vida política onde o conflito, a polêmica, as tensões dão o movimento necessário para o permanente processo de recomposição, de regeneração e vitalização do corpo político.

A democracia representativa, nas suas diversas manifestações, é o paradigma político da grande parte dos estados do mundo ocidental. Contudo, a democracia ganha a sua alta significação quando é a manifestação dinâmica da composição contrapontística entre os poderes constituídos e o poder instituinte, a sociedade. O estado representativo não pode ser considerado como uma dinâmica complexa, orgânica à sociedade enquanto um sistema caótico e passional que se auto-organiza pelas conexões entre seus indivíduos. Caótico devido a não-

linearidade passional dos homens, pois a política se funda nas paixões, conforme Spinoza nos diz no seu Tratado Político. A experiência política complexa reúne um coletivo de heteróclitos indivíduos, circunstancialmente sincronizados em algum grau, emergindo um corpo unívoco, plástico, fluido, dinâmico e polifônico que faz expressar em muitas vozes os desejos, suas ideias, por vezes, num mesmo sentido e direção.

O Estado reproduz a perspectiva [através da lógica teleológica e finalista da norma e da ordem, ilustrado pela tese Hobbeseniana] de que um povo sem tutela é perigoso, a multidão é perigosa e deve ser controlada por um Estado opressor e, por sua vez, que no interior das interações entre os indivíduos, estes não produzam correlações, conexões [pois as associações são perigosas para o Estado], mas que, sobretudo, os indivíduos *aprendam e devam obedecer*, não havendo a experiência da complexidade e dos estados emergentes de ‘casos de solução’ (BOVE, 2010a), ou seja, de soluções nascidas pela ordem dos encontros.

Decorre daí que o Estado da Ordem, da moral, das leis transcendentais também não é complexo nem dinâmico, pois ele nada mais é que um cristal reticular, um fractal monótono, que se reproduz simétrica e infinitamente em nome da servidão, da obediência dos indivíduos que o compõe : ele não se parece com a dinâmica plástica e complexa do cérebro, nem com a dinâmica da efervescente e criativa vida política encontrada no interior da obra spinozista !

No mundo, é certo que os cristais perfeitos representam uma anomalia, com sua atemporalidade e imutabilidade. A nova ciência do Caos e dos sistemas complexos nos oferecem uma leitura da Natureza distante do determinismo Laplaciano, estranha ao racionalismo reducio-

nista do Método Cartesiano. Na Natureza absolutamente infinita, o fluido e turbulento são o paradigma. As relações se estabelecem de forma emergente, em um processo criativo e dinâmico de auto-organização com intercâmbio livre de energia e informação, manifestando macroscopicamente padrões de ordem e microscopicamente a complexidade. Podemos chamar este processo contínuo experiencial de “composicional” (intermodulações para a harmonia coletiva com momentos de ressonância das trajetórias individuais). Como corolário da física dos sistemas complexos, admitimos uma vida *ético-estético-política composicional*, dada pela intermodulação afetivo-passional nascidas das alianças entre os indivíduos, produzindo uma história potente de correlações que, a partir de encontros ressonantes, se propagam. Uma experiência ético-estético-política que nos encaminha a uma vida polifônica e sempre emergente e em ato. Vida política que é tecida como filha da história dos indivíduos que têm a capacidade de ingressar na aventura composicional de um corpo político que se esforça em lutar contra o desejo de ser dominado por um ou por alguns. Vida política que se tece no dia-a-dia. Política filha da comunidade de desejos, paixões e ideias heteróclitas. Pois, todos juntos [como uma comunidade conectiva e complexa de corpos-paixões-ideias] construímos a história, efetivamente, da vida política.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOVE, Laurent. **Comunicação Oral.** Banca de defesa de tese de doutorado de Paulo-de-Tarso de Castro Peixoto intitulada 'Composições Modais de Individuação, Heterotopias e Heterogênese Urbana : para uma democracia composicional apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, setembro de 2013.

_____. **Spinoza. O sujeito de Contrários: do esforço sem sujeito ao amor sem objeto.** Mini-Curso *Spin* de Filosofia Moderna, org. Pf. Dr. André Martins, Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRJ, Grupo de Pesquisa Spinoza & Nietzsche. Rio de Janeiro: agosto 2010a.

_____. **O complexo e o comum segundo Spinoza.** Conferência no Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRJ, Grupo de Pesquisa Spinoza & Nietzsche. Rio de Janeiro: agosto 2010b.

DELEUZE, G. **Spinoza: Intégralité Cours Vincennes, 1978-1981.** Disponível em: <http://docs9.chomikuj.pl/213634542,PL,0,0,1978-1981-Deleuze-Spinoza-Intégralité-Cours-Vincennes.pdf>. Acesso em: 23.03.2010.

GLEICK, James. **Chaos: making a new science.** New York: Penguin, 1988.

KANDEL, Eric R.; SCHWARTZ, James H.; JESSELL, Thomas (editors) **Principles of Neural Science.** 4th Edition. New York: McGrall Hill, 2000.

KELSO, Scott A. **Dynamic patterns: the self organization of brain and behavior.** Massachussets: MIT Pres. 1997.

MOURÃO JR., Carlos Alberto; ABRAMOV, Dimitri Marques. **Fisiologia Essencial.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

PEIXOTO, Paulo-de-Tarso. **Composições Modais de Individuação, Heterotopias e Heterogênese**

Urbana: para uma democracia composicional.

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, setembro de 2013.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza.** São Paulo: UNESP, 1996.

SÉVÉRAC, Pascal. **Comunicação Oral.** Reuniões de pesquisa do estágio pós-doutoral em filosofia de Paulo-de-Tarso de Castro Peixoto com a orientação do Pf. Pascal Sévérac na Université Paris-Est-Créteil como parte do seu pós-doutorado em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro sob a orientação do Pf. André Martins. Paris, janeiro de 2015.

_____. **Le devenir actif chez Spinoza.** Paris: Honoré Champion, 2005.

SPINOZA, Baruch. **Tratado Político.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Ética.** Edição bilíngüe: latim-português. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

_____. **Traité Politique & Lettres.** Paris: GF Flammarion, 1964b.

_____. **Traité Théologique Politique.** Paris: GF Flammarion, 1965.

VINCIGUERA, Lorenzo. **Spinoza et les sciences humaines: les corps et les affects.** Paris: Collège Internationale de Philosophie: 2009.

